

Universidades Lusíada

Lemos, Pedro Borges

Franco Nogueira e a fidelidade ao perfil de Portugal na História

<http://hdl.handle.net/11067/7481>

<https://doi.org/10.34628/5QYV-YR22>

Metadata

Issue Date	2023
Publisher	Universidade Lusíada Editora
Keywords	Nogueira, Alberto Franco, 1918-1993 - Visão política e social, Nogueira, Alberto Franco, 1918-1993 - Crítica e interpretação, Nacionalismo - Portugal, Portugal - História
Type	article
Peer Reviewed	yes
Collections	[ILID-CEJEIA] Polis, s. 2, n. 08 (Julho-Dezembro 2023)

This page was automatically generated in 2025-04-04T11:08:05Z with information provided by the Repository

Franco Nogueira e a fidelidade ao perfil de Portugal na História

Franco Nogueira and fidelity to Portugal's profile in History

Pedro Borges de Lemos

Advogado

Email: pbl.cpl@netcabo.pt

DOI: <https://doi.org/10.34628/5QYV-YR22>

Os meus cumprimentos e agradecimentos ao Prof. Dr. Ricardo Leite Pinto, à Dr.^a Aida Franco Nogueira, aos meus ilustres colegas de painel, Embaixador Marcello Duarte Mathias e Prof. Dr. Jaime Nogueira Pinto, e a todos, hoje, aqui presentes.

Hoje é um dia de memória, mas é também um dia de saudade. Eu confesso que, embora não tenha tido a felicidade de conhecer pessoalmente Franco Nogueira como os meus ilustres antecessores de painel, tenho muitas saudades dos escritos de Franco Nogueira, tenho muitas saudades dos debates televisivos de Franco Nogueira, tenho muitas saudades daquilo que eram, já foi referido pelo Dr. Jaime Nogueira Pinto, os contraditórios apresentados por Franco Nogueira com a máxima dignidade, a máxima elevação. De facto, nós neste momento, estamos a precisar em Portugal dessa elevação no debate político porque Franco Nogueira defrontava o seu adversário nos olhos e numa forma fidalga conseguia rebater-lhe os argumentos. Fê-lo internamente, mas fê-lo também, muitas vezes, na Assembleia das Nações Unidas. Como disse, e bem, o Embaixador Marcello Mathias, Franco Nogueira, de forma estoica e muitíssimo corajosa “*defrontava a manada*”, defrontava aqueles que, à época se opunham a Portugal, se opunham a uma política em que ele acreditava e na qual depositou esperanças de forma absolutamente resoluto e intransigente. Mas recordar Franco Nogueira é recordar também que ele, moralmente, foi estoico e intelectualmente teve uma inteligência simultaneamente prática e

especulativa. Era um homem que tinha um ideal, que tinha uma ideia central na qual se focou durante toda a vida. Essa ideia era a fidelidade ao perfil de Portugal na História e no mundo. Esta ideia basilar que foi legada por Franco Nogueira é absolutamente essencial também, nos dias de hoje. E muitos são aqueles que, nas várias tribunas defendem Portugal, mas cá dentro, nas suas entranhas, não são como Franco Nogueira, não são tão fiéis àquilo que era a universalidade e a vocação da Nação portuguesa. Muitas vezes a classe política e refiro a classe política portuguesa, da esquerda à direita, emprega o seu ânimo em interesses pessoais em vez de empregar o seu ânimo no interesse coletivo. E Franco Nogueira fê-lo sempre, repito quer em Portugal quer no estrangeiro. Por outro lado, devemos reter também uma outra ideia de Franco Nogueira, ele considerava que Portugal deveria acompanhar a Humanidade no tempo e isto é muito importante porque Franco Nogueira não era, de maneira nenhuma atávico, não era de maneira nenhuma uma pessoa que, perante aquilo que era a opinião pública mundial relativamente a Portugal, fosse atrasado, muito pelo contrário, era prospetivo e sabia exatamente para onde ir. Eu, relativamente a esse aspeto irei ler-vos um pequeno extrato de uma intervenção brilhante de Franco Nogueira em setembro de 1969, exatamente um ano depois de Marcello Caetano ter tomado funções. Diz isto: “*No mundo desenvolve-se uma revolução dramática, ruíram mitos, desmantelaram-se estruturas políticas e sociais, há incerteza quanto a um novo padrão comum de valores e o destino dos povos constitui um mistério*”. Passados 53

anos, este mistério adensa-se no mundo, na Europa e aquilo que era uma ideia que, na altura parecia inadequada, pouco voltada para aquilo que eram os próprios ideais da época, Franco Nogueira de uma forma absolutamente brilhante, prevê uma série de situações e diz de uma forma clara, objetiva, olhos nos olhos que ruíram mitos, que o mundo está com uma inversão de valores, que o mundo está, num determinado aspeto, invertido. Falar de Franco Nogueira é difícil, porque é difícil também não resistir a exaltar-lhe a personalidade, dizer que a personalidade dele faz falta, nos dias de hoje em Portugal, e daí eu dizer que hoje é simultaneamente um dia de memória, mas também de saudade, de saudade por quem se bateu por Portugal, por uma unidade ideológica, muito diferente daquilo que muitos querem acusar Franco Nogueira, de ser um seguidor cego de Salazar, não era, aliás, há uma coisa curiosa relativamente a Franco Nogueira que eu gostaria de apontar, é que ele sempre se autointitulou um ‘Republicano Histórico’, mas a verdade é que o pensamento e o exemplo de Franco Nogueira não corresponde ao Portugal de 1910, corresponde ao Portugal anterior a 1910, corresponde à Gesta portuguesa, àquilo que defendia Afonso Henriques, àquilo que defendia D. João I, àquilo que defendia D. João II, àquilo que foi a Gesta das conquistas, dos descobrimentos, Afonso de Albuquerque, Bartolomeu Dias, porque eram homens que tinham interiorizado o Dever e o Sentido de Missão. Essa é também uma particularidade de Franco Nogueira que é importante, hoje, realçar. Portugal sempre teve uma vocação missionária e Franco Nogueira

também foi um missionário, durante quase 9 anos, de 61 a 69, ele defendeu Portugal e fê-lo com um espírito missionário, ele não queria recompensas, ele não queria dignidades, ele apenas queria defender a sua Nação, aliás, nesse mesmo discurso ele refere alguns pontos que são essenciais e que ainda hoje se mantêm perenes e que deviam ser seguidos pelos políticos atuais, *“todo o político deve ser frio nas decisões, autónomo nas ideias, independente nos princípios, não deve ser túbio nas suas decisões e deve ter destemor nos atos”*. Ele disse-o de uma forma muito frontal perante a Câmara, perante Marcello Caetano e perante Américo Thomaz. Com toda a sua capacidade de oratória, com toda a sua dignidade, com toda a sua elevação de caráter. Voltando ao republicanismo e ao facto de Franco Nogueira se considerar um republicano histórico, eu considero que ele, mais do que muitos, tinha como sinais da Nação portuguesa aquilo que outros também tiveram no passado, a Cruz, a Espada, o Padrão. Há também um outro aspeto que importa aqui realçar. Alguns acusam-no de ser áspero, distante e frio. Ora, em 1946, julgo que no seu 1.º posto diplomático em Tóquio, tinha acabado a guerra e havia um Senhora que tinha o pseudónimo de ‘Tokio Rose’ que foi condenada à morte porque tendo a dupla nacionalidade norte-americana e japonesa e tendo sido usada pelas tropas japonesas para influenciar negativamente, através de um programa de rádio, o ânimo dos norte-americanos, praticou um crime contra a Pátria e os norte-americanos, perante tal situação, condenaram-na à morte. Os pais de ‘Tokio Rose’ foram ter com Franco Nogueira informando-o que ela tinha ascendência portuguesa e se ele podia interceder por ela. Franco Nogueira fê-lo imediatamente, falou com as autoridades norte-americanas e conseguiu que a pena de morte fosse comutada numa outra pena e, neste sentido, podemos afirmar que Franco Nogueira não era só um humanista, era profundamente humano, era profundamente sensível e isso vê-se nos seus escritos e na biografia de Salazar. Não vos quero cansar muito mais com a minha intervenção, quero dizer-vos, como já perceberam, que sou o único que não conheceu pessoalmente Franco Nogueira e tenho a maior das penas e volto a dizer que o mais importante que ressalta da sua personalidade é a Portugalidade, a afeição à Pátria, a sua tempera do ‘velho lusitano’. Ele conside-

rava que, para se manter a fidelidade ao perfil de Portugal, na História e no mundo, era necessário que Portugal atravessasse, sem desvios, as oscilações ideológicas e as flutuações pendulares dos interesses das grandes nações, mas Portugal nunca deveria submeter-se a esses mesmos interesses. Ele só entendia e passo a citar: *“Que os portugueses continuassem a ser aquilo que sempre foram e não passassem a ser aquilo que não queriam”* e foi, por isto, que ele se bateu durante toda a vida. Há, apenas, uma última nota que eu quero deixar e que se refere a um parágrafo escrito por ele no ‘Juízo Final’, para mim uma obra-prima daquilo que é a literatura de Franco Nogueira. Ele dizia: *“Agir com fé, em função dos princípios que se tem, das convicções que se sente, dos valores em que se acredita, eis o dever de todo o homem”*. Cem anos antes, já Eça de Queiroz afirmava que, em Portugal, não havia Homens, foi pena Franco Nogueira não ter tido no tempo dele, a *Geração de 70*, que teve Eça de Queiroz.

Disse.”.